

**O FUTEBOL COMO FORMA DE ASCENSÃO SOCIAL DO NEGRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX:  
O RIO DE JANEIRO E O C. R. VASCO DA GAMA**Matheus dos Santos Silva<sup>1</sup>**RESUMO**

A primeira metade do século XX no Brasil foi marcada por diversos fatores que culminaram na consolidação do país, dentre ele é possível notar fatores políticos, econômicos, ideológicos, culturais, dentre outros. Assim, trabalhando a partir dos fatores ideológicos e culturais, especificamente entre 1905 e 1923, relacionados com a chegada do futebol no Brasil e com a luta dos negros contra o sistema elitista e racista que ainda estava instaurado no país, será possível, não só relatar o futebol como sistema de resistência negra num campo social inicialmente pertencido pela elite, como também entender o processo de emancipação do negro enquanto excluído e malvisto pela elite da sociedade.

**Palavras-chave:** Cultura. Futebol. Negro. Resistência.

**ABSTRACT**

Football as a form of social ascension of the negro in the beginning of the 20th century: Rio de Janeiro and C. R. Vasco da Gama

The first half of the twentieth century in Brazil was marked by several factors that culminated in the consolidation of the country, among which it is possible to note political, economic, ideological, cultural factors, among others. Thus, working from ideological and cultural factors, specifically between 1905 and 1923, related to the arrival of football in Brazil and the struggle of blacks against the elitist and racist system that was still in place in the country, it will be possible not only to report football as a system of black resistance in a social field initially belonging to the elite, but also to understand the process of emancipation of the black as excluded and frowned upon by the elite of society.

**Key words:** Culture. Football. Black. Resistance.

1 - Graduado em Licenciatura em História na Universidade Federal do Triângulo Mineiro-UFTM, Brasil.

E-mail do autor:  
Mts.uftmhistoria@hotmail.com

**INTRODUÇÃO**

"[...] Um menino brasileiro, ao nascer, recebe um nome para honrar, uma crença religiosa para seguir e um time de futebol para torcer. Ignorar qualquer uma dessas três heranças é visto como uma inominável traição", aponta Guterman (2006, p. 9).

Assim, vale ressaltar que o futebol está enraizado na sociedade brasileira, esporte esse que quebra as barreiras esportivas e atinge um patamar totalmente novo, que não só desperta a euforia dos sentimentos, mas também uma paixão coletiva, que une classes, amores, amigos e até inimigos.

O Futebol é um espaço privilegiado do inconsciente coletivo, dos indivíduos e das massas. O lugar por excelência da indeterminação.

Porém, a realidade do futebol nem sempre foi assim. Grande parte da população que ama, chora e grita de emoção por este esporte não sabe a trajetória do mesmo e as diversas repercussões que o levaram a tornar-se o que é conhecido como o maior esporte do país.

Wilson Simonal<sup>1</sup> já recitava que todo o país para nas tardes de domingo para vibrar e torcer. Porém, será que todo o país parou para compreender e dar voz para as primeiras gerações do futebol, que lutaram e venceram diversas batalhas para construir o que, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Ibope em 2012, é denominado como a maior paixão do brasileiro (77%)<sup>2</sup>. É evidente que não. Grande parcela da sociedade vê o futebol como um momento a parte da história, acreditando que ele é apenas um esporte que desperta emoções e sentimentos intensos nas pessoas.

Porém, o futebol vai além de qualquer senso comum, sobressaindo das barreiras

esportivas e atingindo patamares que vão muito além de um campo de futebol.

Assim, buscando fontes principalmente nos anos iniciais do século XX, o presente artigo vai de encontro com as demandas atuais do futebol brasileiro, que possui jogadores negros como ícones do esporte, porém, apenas em momentos escassos apresentam a luta do mesmo para chegarem a tal posto, já que inicialmente o Football era praticado apenas por uma elite, que utilizava o mesmo como forma de distanciar-se dos demais grupos sociais, delimitando diversos grupos de praticá-lo, inclusive, os negros, recém libertos da escravidão e totalmente a margem da sociedade, lutando por uma forma de serem aceitos nesse novo contexto social que ainda estava em formação no Brasil.

Assim, o presente artigo está dividido em três partes voltadas ao Rio de Janeiro, apresentando a questão social encontrada no início do século XX, expondo a relação do negro, recém-liberto, com o ideal de cidadania apresentado no período, especialmente com a questão da Belle Époque e suas influências na formação social e cultural do Brasil. Sendo assim, através de Pierre Bourdieu, apresenta-se um panorama da real situação social encontrada, visando apontar formas encontradas pela elite de, não só afastar outras classes sociais, mas também, definitivamente excluir o negro de qualquer ponto que o aproxime da elite.

A segunda parte do artigo buscar apresentar a história do futebol no Rio, apontando os primeiros clubes, a primeira liga e como o negro foi conquistando seu lugar no esporte.

Novamente a partir de Bourdieu, apresenta-se o novo campus social, trazido para as elites e como o negro e o trabalhador foram conquistando pouco a pouco um habitus, "sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações [...]" (Bourdieu, 1983, p.65), sendo assim necessário para se tornar, nos anos vindouros, ícone do futebol brasileiro.

Por fim, o presente artigo buscará compreender, por meio de jornais, especialmente a Gazeta de Notícias e a página do Vasco da Gama, os impactos que o título de 1923, conquistado pelo Club de Regatas Vasco da Gama, que possuía

<sup>1</sup> Cf: Simonal, Wilson. Aqui é o país do futebol. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/wilson-simonal/aqui-e-o-pais-do-futebol.html>>. Acesso em: 07/10/2019.

<sup>2</sup> G1, São Paulo. Futebol é 'maior paixão' para 77% dos brasileiros, aponta pesquisa Ibope. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/12/futebol-e-maior-paixao-para-77-dos-brasileiros-aponta-pesquisa-ibope.html>>. Acesso em: 07/10/2019.

jogadores negros em seu elenco, quebrando então os paradigmas elitistas encontrados no esporte e possibilitando ao futebol novos rumos naquela sociedade.

### **Belle époque, campus social e futebol no Brasil**

Nas décadas finais do século XIX, o mundo “entra” numa fase de transformação, onde a palavra modernização é facilmente encontrada na boca de todos.

A Europa, pioneira no uso do termo, se torna inspiração para países como o Brasil. Transportar o requinte, a beleza, os ideais e da cultura europeia era o anseio da elite brasileira dos grandes centros urbanos do Brasil. Como afirma Margarida de Souza Neves:

Vertigem e aceleração do tempo. Esta seria, sem dúvida, a sensação mais forte experimentada pelos homens e mulheres que viviam ou circulavam pelas ruas do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX.

Ainda que de forma menos contundente, o mesmo sentimento estaria presente nas principais cidades brasileiras, que, tal como a cidade-capital, cresciam como nunca, tornavam complexas suas funções e recebiam levas de imigrantes europeus que atravessavam o Atlântico em busca do sonho de fazer a América (Neves, 2008, p. 15).

Sendo assim, o período conhecido como Belle Époque é instaurado no país e “Tudo parecia mudar em ritmo alucinante” (Neves, 2008, p. 15).

Rio de Janeiro, um dos grandes centros do país, estava marcado pelo requinte arquitetônico inspirado em países como a França, a cidade estava “fortemente marcada pela influência das modas e da cultura parisiense” (Soares, 2016, p.188).

Como Neves (2008, p. 19) aponta, o brasileiro queria absorver para si “os modos de viver, os valores, as instituições, os códigos e as modas daquelas que então eram vistas como as nações progressistas e civilizadas”.

A grande expansão econômica no Brasil, que se deu graças a produção de café, começou a atrair investimentos em infraestrutura no Brasil, fator esse que somado às aspirações arquitetônicas, atraíam turistas, visitantes e até mesmo imigrantes europeus que visavam trazer a tecnologia e industrialização. Dentre eles, havia uma

parcela considerável de ingleses que investiam no país.

Com isso, várias indústrias de transportes ingleses começaram a incentivar a industrialização no país e, com isso, lucrar com a construção de linhas de ferro que, entre 1850 e 1950, se estenderiam por mais de 38 mil quilômetros.

Assim, o número de imigrantes no país aumentava, já que o Brasil não possuía mão-de-obra qualificada para tais processos, incentivando então a vinda de trabalhadores europeus ao país.

Houve um aumento significativo de casas e cortiços nas grandes cidades, fator esse que também se dava devido ao aumento de pessoas do interior buscando melhores condições de vida.

Era visível a distância em que o país se encontrava de uma época que realmente fosse bela num âmbito geral, já que a parcela mais pobre que residia e buscava emprego para obter uma melhor condição de vida, estava vivendo completamente de forma subalterna a esta sociedade. Com tantas aspirações, ideias e pensamentos voltados à industrialização, essa parcela da sociedade é posta à parte. De acordo com Livia Freitas Pinto Silva Soares:

Desta forma, a inserção gradativa do Brasil na ordem capitalista significou para os pobres em geral um crescente processo de exclusão em um contexto no qual a urbanização dos espaços públicos e as mudanças no mercado de trabalho os lançavam, cada vez mais, para a margem da sociedade.

Somado a isso, a imigração, o êxodo rural e os ex-escravos que também se dirigiram para os maiores centros urbanos do Brasil, sem ocupação e sem moradia e ainda conviviam com o estigma da escravidão, se uniam aos setores despossuídos que viviam na capital da República e prescindiam da caridade alheia para subsistir desde o período monárquico (Soares, 2006, p. 188).

Fator esse que se estendia por todo o Brasil, não só aprofundaria mais uma separação de classes, como também excluía e delimitava o espaço social de tais grupos.

Com a ausência de uma classe operária industrial brasileira que tivesse tecnologia suficiente para a construção e manutenção da malha ferroviária, a falta de emprego nas classes menos favorecidas economicamente se tornava absurda. Tal fator não só colocava esses grupos em estado de

alerta, já que, sem condições de pagar uma residência para suas famílias, acabavam se amontoando em cortiços e casas improvisadas, o que não só atrapalhava a ideia das elites de aproximarem o clima e a imagem da cidade a padrões europeus, mas também acabava tirando o requinte que tanto idealizavam.

Assim, a elite econômica do Rio de Janeiro começa a deixar claro suas intenções de “esconder” os locais em que esses grupos habitavam e distanciar-se desses grupos, visando instaurar uma ideia de superioridade e requinte próprio, que se limitasse a um campus social<sup>3</sup> pertencente somente a essa elite.

Vale ressaltar que, a partir de tais fatores, essa elite não se desprende totalmente dessas classes, visando deixar padrões culturais a serem seguidos. Uma espécie de violência simbólica, onde tal parcela seguiria e reproduziria, mesmo que de forma oculta, formando pouco a pouco uma herança cultural nacional, que não só excluiria grande parte dessa cultura subalterna, cultivada por ex-escravos, imigrantes, dentre outros, como também marginalizaria qualquer cultivo dela.

Em um país que convivia com o recente passado escravista, os impactos e os reflexos do crescente número de pobres que engrossavam as fileiras da sociedade eram percebidos de forma clara e precisa.

Desde o final do século XIX os brasileiros testemunhavam um volume expressivo de miseráveis excluídos da ordem produtiva e de qualquer sistema de proteção. Eram milhares de sujeitos que não pertenciam à sociedade porque não participavam da ordem social e do processo de produção das riquezas (Soares, 2016, p. 192).

Seriam estes, os ex-escravos, que viviam numa situação totalmente subalterna e reprimida da sociedade, que buscavam uma oportunidade de se encaixar nesse novo

contexto social e legitimar sua cultura e seus direitos como cidadãos, porém que se deparavam cada vez mais com uma total exclusão e limitação de seus ideais. Vale ressaltar que grande parte dessa população vivia em completa situação de miséria, sendo sujeitos a todo tipo de racismo, preconceito e atrocidades que, em relação a outros grupos, seria motivo de repúdio. Assim, tais fatores apontam uma completa desvalorização com as classes menos favorecidas, principalmente com os negros recém-libertos da escravidão.

Como coloca Neves, o que impossibilitou um avanço social devidamente adequado para a população mais carente no Rio de Janeiro foi o molde enraizado em “seu lugar periférico, subordinado e ainda colonial” (2008, p. 25), que não tinha um suporte adequado ou mesmo mínimo para acolher ou possibilitar com que as classes subalternas tivessem o necessário para viver, cultivar suas diversidades e resguardar seus valores próprios.

Assim, Com o fim da escravidão em 1888, o negro buscava formas de se encontrar na sociedade e ser reconhecido como um cidadão.

Porém, mediante a tal contexto, continuava excluído e malvisto pela sociedade. Florestan Fernandes aponta que:

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre.

Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. [...] Essas facetas da situação [...] imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel (Fernandes, 1978, p. 29).

Assim, por mais que teoricamente libertos, o negro estava aquém da sociedade, não possuía nenhum sistema que visasse integrá-lo nesse novo contexto social, fator esse que, não só os deixava a beira da sociedade, como também limitava as chances de englobar suas culturas e costumes nesse novo mundo social. Como afirma Bordieu:

[...] o mundo social pode ser concebido como um espaço multi-dimensional construído

<sup>3</sup> Segundo Bordieu, existem vários campi [plural de campus, em latim, é campi] sociais dentro de uma sociedade, grupos que dividem uma sociedade por hábitos, gostos, pensamentos e ideais parecidos, que se deram e foram construídos através de certos valores pré-estabelecidos pelo grupo. Cf: Bourdieu, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente a escola e a cultura. 10ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos... os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos (Silva, 1995, p.25).

Com isso, a posição social em que se encontravam, não só ressalva o que foi citado anteriormente, mas exclui e marginaliza qualquer capital cultural acumulado pelos mesmos, limitando seus ideais e expondo-os a violência simbólica apresentada pela elite. Um exemplo de tais atos é visivelmente notado no "Código Penal da República dos Estados do Brasil", onde, de acordo com o capítulo XIII do decreto número 847, de 11 de outubro de 1890, lê-se:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;

Pena de prisão celular de dois a seis meses.

A penalidade é a do art. 96.

Parágrafo único. É considerado circunstância agravante pertencer a capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidência será aplicada à capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400. Com a pena de um a três anos.

Parágrafo único. Se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público

e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes (Brasil, 1890).

Sendo assim, é visível a tentativa da elite de extinguir o conhecimento de culturas vindas de outros campos sociais, principalmente se relacionados aos ex-escravos.

Além de tentar excluir tal bagagem cultural e social, esses grupos visavam apresentar seus dogmas e preceitos para a população, como forma de doutrinação ou manipulação da sociedade, buscando implantar ideais que fossem de encontro com suas aspirações.

É notória a ideia da elite de apresentar sua cultura perante outras e passá-la para a população, porém, há um fator bastante curioso em tal processo, em que essa elite implantava um projeto social e cultural a ser seguido, mas buscava maneiras de distanciar-se das outras classes sociais.

A partir disto, vemos a aglutinação de diversos modos e costumes que fugiam do ideal apresentado para a população e buscavam assemelhar-se a uma cultura europeia, visando diferenciar e colocar esses anseios da elite a um patamar inalcançável para as demais.

Sendo assim, o futebol deu-se como uma cultura inicialmente voltada as elites, que não só buscava diversas maneiras de excluir o negro e o trabalhador do esporte, como também visava criar um campus social inacessível por outras classes, visando criar um habitus (Bourdieu, 1983) próprio e exclusivo de tais grupos.

Tais fatores, somados à exclusão e ao despreparo social, direcionavam o negro à marginalização, de acordo com Gilcerlândia Pinheiro de Almeida Nunes, em uma resenha de A integração do negro na sociedade de classes, de Florestan Fernandes:

A mudança de "estado social" não trouxera consigo a "redenção da raça negra" e os negros e mulatos custaram a perceber isso. Eles haviam sido expropriados de sua condição de dependentes e, submissos, recebido o peso de seu destino, mas não os meios para lidar com essa realidade. Sua única direção foi à marginalização, diante do desamparo real (Nunes, 2008, p. 250).



Porém, mesmo mediante aos processos de exclusão citados anteriormente, o negro não desistiria de lutar por seus direitos e formas de ingressar nesses novos campos sociais. Uma dessas formas seria o futebol, inicialmente voltado à elite e completamente comprometido com um campo social totalmente excludente e seletivo, que, como será abordado a diante buscava barrar qualquer negro ou trabalhador de sua prática. Gilberto Freyre afirma no prefácio de *O negro no futebol brasileiro*:

O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura (Freyre, 2002, p. 25).

Por mais que Freyre, naquele momento, validasse a separação de um grupo perante outro e a posição do negro como uma pessoa a margem da sociedade, sem cidadania e muito menos cultura, o esporte se tornaria símbolo social e cultural do país num todo, dando as classes sociais menos favorecidas economicamente algo que as aproximasse dos outros grupos e ao negro, uma oportunidade de legitimação social, quebrando as barreiras que o separava do “cidadão de bem”.

### **Futebol: carioca e negro**

O futebol, esporte de origem inglesa, nasce com o propósito de afastar as elites das classes operárias inglesas, já que o esporte requeria tempo e isso não era algo em que os operários, em sua maioria, teriam em abundância para prática do futebol, e que o pouco tempo que tinham normalmente era voltado para o descanso e as relações familiares e sociais.

Porém, da mesma forma em que essa elite ia implantando o esporte em seus campos, os trabalhadores absorviam o mesmo como forma de legitimação e construção de um esporte que despertaria a paixão e euforia em todos os grupos sociais do país e consequentemente, alguns anos depois, do mundo.

Waldenyr Caldas aponta que, no Brasil, o esporte possuiria aspirações semelhantes:

Há que se destacar, porém, que boa parte da trajetória inicial do futebol no Brasil possui um caráter elitista e, dificilmente poderia ser de outra forma. Os ingleses, precursores desse esporte em nosso país, faziam parte da elite da sociedade paulista e carioca; além deles, somente os brasileiros ricos tinham acesso à prática do futebol (Caldas, 1990, p. 24).

Assim, o esporte no país também nasce com um viés de separar a elite dos diversos outros grupos sociais existentes na sociedade. Contudo, nem os ingleses, nem a elite brasileira e muito menos o mundo imaginaria a dimensão que o futebol ocuparia no país.

Quando falamos de Brasil, automaticamente futebol vem a cabeça. O senso comum coloca o Brasil como o “país do futebol”, onde o esporte criaria um “garoto de pernas tortas, que vinha subverter todas as concepções do futebol europeu” (Rodrigues, 1993, p. 63), ou mesmo um tal Pelé, que “... leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável – a de se sentir rei, da cabeça aos pés” (Rodrigues, 1993, p. 48).

Com isso, o esporte tomaria um imenso lugar no coração dos brasileiros. Carlos Drummond de Andrade retrata no poema *Futebol* as dimensões que ele atingiu no país:

Futebol se joga no estádio? Futebol se joga na praia, futebol se joga na rua, futebol se joga na alma. A bola é a mesma: forma sacra para craques e pernas de pau. Mesma a volúpia de chutar na delirante copa-mundo ou no árido espaço do morro. São voos de estátuas súbitas, desenhos feéricos, bailados de pés e troncos entrançados. Instantes lúdicos: flutua o jogador, gravado no ar - afinal, o corpo triunfante da triste lei da gravidade (Andrade, 2014, p. 13).

Assim, ele une todos, em qualquer momento, independentemente de suas origens, classes ou ideais, o futebol para o Brasil, e traz um imenso impacto para quase toda a sociedade brasileira. Não é à toa que ele se tornaria letra de música, poemas, livros, etc. O esporte trouxe ao brasileiro um conjunto de sentimentos que desperta diversas

emoções inusitadas, que se comparam a euforia do primeiro amor.

### **Onde nasceu o futebol brasileiro?**

O século XIX, período de consolidação de uma identidade brasileira, que vinha se formando através de aspirações europeias, foi marcado pela ascensão de diversos moldes e culturas estrangeiras que tinham o intuito de apresentar uma cultura que representasse e legitimasse a elite num campus social totalmente diferente do restante da sociedade. Nesse contexto, esporte de origem inglesa, o futebol começa a ser praticado no Brasil, “trazido por imigrantes europeus e empregados de companhias estrangeiras”.

Anatol Rosenfeld, em *Negro, Macumba e Futebol*, afirma:

O ‘esporte rei’ foi transplantado para o Brasil por Charles W. Miller, um brasileiro de origem inglesa. Aos dez anos de idade, Miller foi enviado à terra de seus pais para frequentar a escola. Quando voltou a São Paulo, em 1894, trouxe em sua mala uma bola de futebol. (Rosenfeld, 2013, p. 76).

Porém, muito antes do nosso “pioneiro” citado acima, já havia relatos de partidas não-oficiais que legitimam a prática do esporte antes mesmo de 1895<sup>4</sup> e em outros lugares. De acordo com Leandro Stein:

[...] a introdução do esporte inglês se deu até mesmo de maneira indireta, através da influência de Montevideu e Buenos Aires sobre o Rio Grande do Sul que se expandiu para os campos de futebol. Em cidades na fronteira uruguaia, como Santana do Livramento e Uruguaiana, existem relatos de peladas entre o final da década de 1880 e o início dos anos 1890. Não à toa, o futebol se desenvolveu no Rio Grande do Sul com intensidade parecida a São Paulo e Rio de Janeiro, ainda que as principais instituições de organização surgissem entre as duas capitais do sudeste (Stein, 2015).

Assim, os relatos legitimariam a partir da criação do Sport Club Rio Grande fundado em 19 de julho de 1900. Após uma reunião realizada no Clube Germânia por portugueses,

ingleses, brasileiros e alemães, o Sport Club Rio Grande, o chamado “Vovô” do futebol brasileiro, tendo o alemão Johannes Minnemann como líder fundador e seu organizador (Abib, 2006).

Já no Rio de Janeiro, alguns pesquisadores afirmam haver relatos que também contradizem a ideia de que Miller seria o pioneiro a trazer uma bola e jogar o esporte no Brasil. Em uma entrevista ao grupo Literatura na Arquibancada, o pesquisador da história do Bangu, Carlos Molinari, afirma que:

Não cheguei sozinho a essa conclusão. Antigos banguenses já falavam sobre isso. Textos de um antigo diretor de patrimônio histórico do clube, o Vivi - Manoel Rodrigues de Moura - já sinalizavam na direção de que Thomas tinha sido um pioneiro. Em publicações feitas pelo próprio Bangu A.C. nos anos 80 já se falava sobre isso. Aliás, até mesmo em edições de diversos jornais – a respeito do aniversário do Bangu Atlético Clube, em 17 de abril – sempre que entrevistavam o Vivi ele tocava no assunto. Foi assim que O Globo chegou a publicar sobre este pioneirismo em 1961 (Molinari, 2012).

Assim, ainda segundo Molinari:

Era sexta-feira, 4 de maio de 1894, primavera no porto de Southampton, no sul da ilha da Grã-Bretanha. [...] Entre os 48 passageiros que embarcaram no destino inicial do “pacote” S.S. Clyde, um belo navio de 3.369 toneladas, forte o suficiente para atravessar as tormentas que o esperariam durante a travessia do Atlântico, estava um escocês de 31 anos, Thomas Donohoe (Molinari, 2006).

Com isso, após notar a falta de seu esporte predileto na fábrica de Bangu e sabendo que logo sua esposa viria, pede a ela para trazer uma bola de futebol, que em tese, seria a primeira bola usada numa partida de futebol no Rio de Janeiro. Assim, de acordo com Carlos Molinari:

Conta a história que após presenciar o desembarque na Estação Terminal de Passageiros do porto do Rio, o sr. Donohoe seguiu até a Estrada de Ferro com sua família e todas as bagagens numa carroça, e da Estação da Praça da República tomou o trem para Bangu. Causou surpresa aos viajantes quando retirou da mala aquele pedaço de couro, com costuras expostas nos gomos, e

<sup>4</sup> Data da primeira partida oficial de futebol no Brasil.

com a ajuda de uma bomba de ar, encheu a bexiga dentro do vagão, começando a quicá-la. Uma hora depois, desceu com a pelota embaixo do braço, como não podia deixar de

ser, enquanto Elizabeth e Margareth tinham que se virar para dar atenção aos dois meninos pequenos... (Molinari, 2006).



**Figura 1** - Presente raro. A bola importada por Thomas Donohoe era uma novidade no Brasil. Com ela, ele pode introduzir em terras tropicais um esporte que, por aqui, ninguém conhecia: o football. In: Molinari, Carlos. op cit.

Carlos Molinari ressalta que Donohoe começa uma busca por seus amigos ingleses que também vieram buscar uma nova vida na fábrica de Bangu.

Molinari, (2012): “Donohoe chamou de casa em casa todos os seus companheiros dos velhos tempos e um grupo composto de doze homens apareceu nas proximidades do terreno para estrear a bola nova”.

Mesmo com apenas seis jogadores para cada time, Molinari afirma que seria o suficiente para garantir a diversão e despertar o interesse de grande parte dos trabalhadores da fábrica. Fator esse que inicialmente se daria apenas como uma simples partida, alguns anos depois, resultaria na formação do Bangu Atlético Clube, que só não estaria oficialmente formado antes graças a “Eduardo Gomes Ferreira, que se declarou inimigo de qualquer espécie de jogo, principalmente o Football”. Oficialmente, o Bangu Atlético Clube foi fundado em 17 de abril de 1904” (Molinari, 2006).

### **Futebol no rio de janeiro**

Pedro de Cunha e Menezes, em obra retratando o centenário do Fluminense Football Club, ressalta que Oscar Cox, mais

um dos considerados pioneiros na introdução do esporte no país e levantado pelo autor como um dos primeiros representantes da propagação do mesmo no Rio, viera ao país “com o firme propósito de implantar aqui o futebol” (Menezes, 2002, p. 19).

Menezes afirma que:

Em julho de 1902, os cariocas voltaram à capital paulista para mais um par de jogos e, dessa vez, entusiasmados com o exemplo de São Paulo, onde já estava em curso um campeonato, voltaram determinados a dar corpo a um time no Rio de Janeiro (Menezes, 2002, p. 28).

Fator esse que, ainda de acordo com Menezes (2002, p. 23), resultaria na formação do Fluminense Football Club em 21 de Julho de 1902, o primeiro clube de futebol oficialmente formado no Rio de Janeiro, tendo como seu primeiro presidente justamente Oscar Cox.

Além do Fluminense, surgem Bangu, Botafogo e América, sendo esses os primeiros times propriamente voltados ao futebol. Vale ressaltar que a maioria dos times de futebol seria derivada de clubes de regatas. O primeiro a se dedicar ao futebol seria o São



Christóvão que, formado em 1892, abrangeira o esporte em 1909, seguido pelo Flamengo, formado em 1895 e dedicado ao futebol a partir de 1912, e o Vasco da Gama, criado em 1898 e dirigido ao esporte em 1915. Além dos citados, que possuem um maior destaque atualmente, seriam formados no mesmo período o americano Riachuelo, fundado em 1911, Bonsucesso, em 1913, Madureira, Brazil Youth, Brésil e o Brazil, em 1914, Olaria, em 1915, dentre outros.<sup>5</sup>

Assim, a prática do esporte, não só no Rio de Janeiro, mas em todo o Brasil, “coube aos jovens filhos de famílias ricas, de origem anglo-saxã, que foram estudar naquele país” (Soihet, 2010, p. 290).

Tais fatores acabam atraindo a elite brasileira, que, como foi ressaltado acima, promoveria a criação de diversos clubes voltados ao esporte, tratado como uma maneira de cultivar a civilização e modernidade inglesa.

Tal fator possibilitou a essa elite criar um campo cultural totalmente diferente dos outros grupos sociais, absorvendo o futebol como um meio de requinte e classe cultural, um esporte que não só reproduziria uma violência simbólica, mas também separaria a elite das demais classes sociais. Vale ressaltar que nem todos os clubes se encaixavam nesses parâmetros elitistas. O Bangu, como foi citado, é um exemplo claro disso, já que era um clube com forte influência europeia, porém também era cultivado pela massa trabalhadora, que envolvia grupos sociais totalmente adversos a elite, incluindo negros.

Com a eclosão dos projetos progressistas e a efetivação de campanhas higienistas, visando os exercícios físicos como fonte de energia e saúde, o futebol passa não só a efetivar um habitus social civilizador de acordo com as ideias provenientes da Europa, mas também uma via para uma vida mais saudável e atlética. O incentivo a prática do futebol ganhou força a partir daí. Segundo Rachel Soihet, “alguns chegam a atribuir ao futebol uma série de vantagens sobre os demais esportes, inclusive no desenvolvimento do caráter dos seus praticantes” (Soihet, 2010, p. 291).

<sup>5</sup> Cf. Clubes de futebol no Rio de Janeiro. Cidade-Brasil. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/clubes-futebol-rio-de-janeiro.html>>. Acesso em: 02/11/2019.

Com isso “novos clubes proliferaram nos mais diversos locais da cidade, com seus associados buscando reproduzir a imagem elitista da prática desse esporte construída pelos membros do Fluminense ou do Botafogo” (Pereira, 2000, p. 51).

Assim, é possível notar que o futebol no Rio de Janeiro se dá como propulsor da elite para criar um campus social que os distancie da massa popular e aproxime-os dos padrões europeus. Porém, Soihet afirma que:

De qualquer forma, apesar dos preconceitos de classe e de raça/etnia que caracterizaram o futebol em seus primeiros tempos, os populares participavam dele entusiasticamente, assistindo, amontoados nos terrenos vizinhos, aos jogos do Fluminense e de outros clubes da época, ao mesmo tempo que passavam, igualmente, a praticá-lo, como se depreende da fala do Sr. Cláudio. Muitos lamentavam essa popularidade, que seria responsável pela perda do requinte peculiar ao jogo quando levado a efeito pelos segmentos mais ‘educados’ da população (Soihet, 2010, p. 291).

A partir daí, é possível notar diversas tentativas de afastar a população do esporte:

Não faltaram médicos para referendar tais pressupostos com o peso do seu saber. Um deles enfatizava os benefícios do futebol apenas para a “mocidade mais preparada”, pois os demais, carentes de recursos, tinham de praticá-lo em terrenos de terra batida e a grande quantidade de poeira levantada durante as partidas, ao invés de acarretar a “saúde do corpo”, dava lugar à “ruína do corpo” (Soihet, 2010, p. 291).

Também se acentuava a importância do futebol ser praticado unicamente por indivíduos bem nutridos, “o que excluía os pobres de fazê-lo, legitimando o empenho dos sócios dos clubes elegantes em evitar que os trabalhadores a ele se dedicassem, o que se entendia, igualmente, com relação aos demais esportes” (Pereira, 2000, p. 61).

No entanto, o futebol começa a ganhar destaque nas massas populares. Em contrapartida aos clubes considerados mais refinados, temos o Bangu, que, como já citado, seria formado dentro de uma fábrica, com a presença de trabalhadores e negros. “Embora, de início, o futebol fosse ali acessível apenas aos trabalhadores especializados, não tardou

para que fossem aceitos operários de outras origens e não especializados” (Pereira, 2000, p. 28-32).

Tais fatores já afirmavam o Bangu como um time à parte, que, diferentemente dos demais, não buscava um requinte elitizado, voltado às elites, visando um campus social totalmente a parte da sociedade, mas sim, aplicar uma prática que visasse seus benefícios para todos que trabalhavam na fábrica de tecidos.

Sendo assim, é necessário compreender que, no caso do Rio de Janeiro, o futebol estava sendo construído como um divisor social, que não só visava afastar as classes mais baixas economicamente, mas também desqualificá-los, afirmando que não eram “qualificados” para a prática dele. O futebol seria uma ferramenta para aproximar essas elites de uma aspiração europeia e requintada, levando-os a um campus social que, pelo menos em tese, deveria ser inalcançável pelos outros grupos sociais.

Com o crescimento do futebol no Rio de Janeiro e sua grande adoção pelas massas populares, as formas de delimitar e afastar a população do esporte começam a perder força. Em contrapartida, diz Rachel Soihet:

Na perspectiva de garantir ao futebol uma imagem de distinção, ameaçada diante de seu crescimento, segundo a concepção dos dirigentes dos clubes considerados mais refinados, estes se decidem a organizar a 8 de julho de 1905 a Liga Metropolitana de Futebol. Caberia à liga não apenas definir as regras como também os grupos que poderiam praticar o jogo. Além de se reafirmar a observância aos princípios britânicos, buscou-se impedir o reconhecimento de clubes menores a fim de assegurar a vigência daqueles princípios excludentes (Soihet, 2010, p. 291).

É possível notar uma tentativa de excluir clubes que não tivessem um segmento determinado a priori. Porém, manter os princípios que estabeleceram o futebol seria extremamente difícil, já que afirmar que tal grupo não poderia participar pelo simples fato de não pertencerem a uma elite seria motivo de escândalo e de diversas críticas.

Sendo assim, os times organizadores da liga optaram por uma forma que não teria muito impacto na sociedade daquele período.

O coroamento do processo deu-se com a decisão de se enviar aos clubes associados um ofício informando que ‘as pessoas de cor’ não poderiam ser registradas na liga como amadores. Tal medida, embora aprovada, não deixou de provocar debates, destacando-se no Botafogo o protesto de Alfredo Chaves, que considerou a discriminação odiosa, contrária a todos os princípios democratas e racionais. A ele contrapôs-se Cruz Santos, também membro da diretoria, cuja argumentação pautou-se na necessidade de se considerarem diferenças entre sociedades políticas e agremiações de caráter puramente recreativo. Nestas últimas, os laços entre os indivíduos seriam de camaradagem e afeto, devendo-se reconhecer a justiça de sua separação por inúmeros “motivos, inclusive o da cor, que quase sempre indica indivíduos de classe diversa” (Soihet, 2010, p. 291).

Em outras palavras, Cruz Santos:

Expressa as ideias que predominavam entre seus pares com relação à importância de se garantir uma sociedade hierárquica que se reafirmava com a presença de espaços exclusivos de convivência entre aqueles que partilhavam de idêntica posição social (Soihet, 2010, p. 291).

Assim, é visível que o futebol naquele período retratava mais uma função de legitimação de privilégios de classe e de raça do que somente um esporte em si, sendo então um divisor de águas entre o que essa elite afirmava ser, “indivíduos de classe diversa”, que, num aspecto geral, seriam os negros.

Diferentemente do ocorrido no Botafogo e nos demais times, os representantes do Bangu num todo optam pelo desligamento da liga, já que seu time era composto “de trabalhadores, inclusive negros” (Soihet, 2010, p. 292), o que contrariava os ideais preestabelecidos para a legitimação do time na liga, negando-se afastar um jogador do time por ser negro.

Com a exclusão de vários grupos, a criação de outras ligas seria questão de tempo. Até mesmo os times criados com a mesma finalidade dos pertencentes à liga começam a se encaixar nessas ligas paralelas para praticarem o esporte, possibilitando então a participação efetiva do negro em times com ideais adversos.

É possível notar que, devido a tais fatores, muitos dos jogadores rejeitados pela Liga Metropolitana começam a ganhar destaque em clubes de menor expressão e a assumir cargos importantes dentro desses novos clubes. A partir daí, o futebol é adotado definitivamente pelas diversas parcelas e grupos da sociedade carioca que não estavam definitivamente ligados ao futebol, como uma forma de lazer, e etc.

Com isso, o monopólio dos “grandes clubes”, dominados pela elite, começa a ruir. Outro fator para a ruptura seria o fato de que pouco a pouco essas ligas paralelas foram englobadas pela liga principal, dando origem a segunda divisão, o que daria a possibilidade para novos times adeptos a jogadores negros e trabalhadores integrarem a Liga Metropolitana.

Apesar dos diversos percalços e do desprezo dos grandes clubes, os pequenos times começam a ingressar na liga principal, onde o campeão da segunda divisão conseguiria um passe para a primeira, enquanto o último colocado cairia para a segunda divisão. Os times principais até conseguiram barrar tal fato, porém, em 1916, o Andaraí, clube de operários que continha alguns trabalhadores negros que também jogavam, consegue seu lugar entre os clubes de maior prestígio.

Porém, pouco tempo depois do ocorrido é aprovada a Lei do Amadorismo, que proibia todos aqueles “que tirem os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando como tais todas aquelas em que o indivíduo depende inteiramente de seus poderes físicos e não dos recursos de sua inteligência” (Soihet, 2010, p. 294), proibindo assim diversos jogadores, além de ressaltar o analfabetismo como um fator que impediria o jogador de praticar o esporte. Com a aprovação de tal lei, foi possível perceber diversas polêmicas, porém, com uma articulação forte, os grupos de pequeno porte conseguem se impor.

Com o crescimento do futebol, se inicia diversos embates, tanto por nomes famosos do jornalismo quanto pela grande maioria dos cidadãos, visando legitimar o esporte enquanto democrático e livre para todos. Durante os anos subsequentes, é possível notar que uma maior parcela da massa populacional começa a frequentar os estádios.

Indiferentes a esses protestos à sua presença e participação no futebol, os

populares mantêm-se fiéis a sua paixão, compartilhando com a elite do entusiasmo pelo esporte e pelos jogadores que nele se destacavam. Especialmente nas disputas de campeonato local, regional e/ou internacional, nada impedia que tal sentimento assumisse significação diversa entre os distintos segmentos sociais, configurando um quadro de apropriação bem-sucedida.

Tal situação, portanto, não era sinônimo de convivência harmônica, mantendo-se em meio à mesma uma realidade plena de disputas e conflitos: conflitos regionais entre cariocas e paulistas que se estenderam dos cronistas aos torcedores; rivalidade entre adeptos dos diferentes clubes; e as tensões étnicas e sociais que se mantinham, decorrentes da discriminação dos jogadores negros e dos pobres (Soihet, 2010, p. 295).

Sendo assim, por mais que as tensões tenham continuado, pouco a pouco os diferentes grupos sociais começam a participar efetivamente, tanto como torcedores, como jogadores no futebol. Com a polarização do esporte e o apoio desses grupos, diversos jogadores negros, representantes da classe trabalhadora, começam a ganhar destaque nesse meio:

[...] inúmeros desses jogadores negros distinguiram-se no campeonato, como Luís Antônio, do Bangu”, onde “já em 1916 ele foi convocado para compor o selecionado que enfrentaria os paulistas, embora fosse mantido na reserva (Soihet, 2010, p. 295-296).

Outro fator de extrema importância ocorreria em um campeonato internacional: “a participação do jogador negro Gradin no time uruguaio, quando do campeonato sul-americano de 1919” (Soihet, 2010, p. 296).

A participação de Gradin trouxe a tona diversas questões que vinham de encontro com a atual realidade desses jogadores no Brasil, que buscavam a implantação de um sistema igual entre os jogadores, independente de cor, raça ou posição social, como viram na seleção uruguaia. Porém, tais fatores não mudariam em nada a visão da elite em relação ao negro, já que em 1921, ano de preparação para a disputa do campeonato sul-americano na Argentina, o preconceito é revalidado.

Inclusive, espalhando-se o boato de que o presidente Epitácio Pessoa exigira que só jogadores brancos compusessem a

delegação brasileira enviada àquele campeonato. Exigência reforçada pelo auxílio de 50:000\$000 concedido pelo governo brasileiro à confederação Brasileira de Desportos.

Apesar dos desmentidos de praxe, o debate em torno da questão dividiu a imprensa, manifestando-se também o descontentamento entre os torcedores.

Fato que não impediu, contudo, que expressassem seu entusiasmo, quando da aproximação dos jogos, todos parecendo juntar-se em uma mesma torcida. [...] A derrota do selecionado brasileiro, diante do argentino, por apenas um gol, por outro lado, fez emergir a insatisfação reinante entre boa parte da população através do comentário de um cronista, de que o time nacional poderia vencer se representasse “um scratch de verdade” (Soihet, 2010, p. 295-296).

Portanto, não só grande parte da população, mas também grande parte da imprensa estava perplexa e revoltada em relação a tais fatos que, mesmo de forma lenta, começavam a iniciar um novo período para a relação entre o esporte e as classes trabalhadoras, deixando os torcedores indignados, dando força aos novos grupos que adentravam o futebol, como o negro, que já começava a quebrar os paradigmas preestabelecidos pelos grupos da elite esportiva.

Com o decorrer dos anos, o Club de Regatas Vasco da Gama abre definitivamente esse novo período, conquistando o campeonato carioca em 1923 contendo jogadores negros em seu time. Fator esse que seria de extrema importância para a inclusão social do negro tanto no esporte quanto na sociedade brasileira.

### **O club de regatas vasco da gama e sua contribuição para a inserção do negro no futebol**

No final do século XIX, o remo era o principal esporte no estado Rio de Janeiro. Com isso, diversos clubes eram formados visando a prática e o aperfeiçoamento do esporte, favorecendo a criação da União de Regatas Fluminense em 1897, instituição que visava organizar e legitimar os campeonatos de remo no Rio. Surgem assim:

Union de Conotiers (Sociedade dos Franceses, 1892), Club de Regatas Fluminense (1892), Club de Regatas Paquetaense (1892), Club de Regatas

Botafogo (1894), Grupo de Regatas do Flamengo (1895), Grupo de Regatas Praia Vermelha (1896), Club de Natação e Regatas (1896), Club de Regatas Boqueirão do Passeio (1897), Club de Regatas do Caju (1897), Club de Regatas Guanabara (1899) e o Club de Regatas de São Christovão (1899). (Netvasco, 2015).

Mauro Prais (2011), pesquisador do clube cruzmaltino, coloca que pelo menos 62 rapazes, maioria composta por imigrantes portugueses, reuniram-se em uma sala da “Sociedade Dramática Filhos de Talma, no bairro da Saúde”, para decidirem sobre a fundação de uma associação dedicada ao remo:

Aos 21 dias do mês de agosto de 1898, às 2:30 horas da tarde, reunidos na sala do prédio da Rua da Saúde número 293 os senhores constantes do livro de presenças, assumiu a presidência o Sr. Gaspar de Castro e depois de convidar para ocuparem as cadeiras de secretários os senhores Virgílio Carvalho do Amaral como primeiro e Henrique Ferreira como segundo, declarou que a presente reunião tinha o fito de fundar-se nesta Capital da República dos Estados Unidos do Brasil, uma associação com o título de Club de Regatas Vasco da Gama [...] (Prais, 2011).

No mesmo dia, como aponta a ata de fundação do clube, seria adotado o procedimento para a escolha de seu presidente, que terminaria com o comerciante Francisco Gonçalves do Couto Junior, eleito com 41 votos (Prais, 2011).

Mesmo com a formação do clube em 21 de agosto, apenas em 24 de outubro seria enviado o pedido de filiação à União de Regatas Fluminense

Nasce então o Club de Regatas Vasco da Gama, cujo nome viria de uma homenagem ao navegador português (1469-1524), que, a partir de Lisboa, liderou um novo caminho marítimo até a Índia. Tal homenagem se deu graças à comemoração do 4º centenário da descoberta da rota apontada pelo navegador, que coincidia com o ano da formação do clube, confirmando assim a íntima relação com o mar que tanto o navegador quanto o clube tinham.

Os primeiros anos do século XX foram marcados como a “Era de Ouro”. O remo era sem dúvida o esporte mais praticado na então capital federal. O Vasco já era considerado um

dos clubes mais fortes no esporte, tendo destaque nas competições oficiais na enseada de Botafogo e nas praias de Santa Luzia.

A partir daí, surge uma necessidade de criar uma bandeira que representasse o clube nos requeridos eventos. Nasce assim a primeira bandeira do clube, a bandeira perdida<sup>6</sup>, representando símbolos náuticos através de uma âncora, uma boia de salvavidas, o croque e um remo.

---

<sup>6</sup> Estudiosos do clube afirmam que a bandeira se perdeu durante a efetivação do clube no futebol, onde o Vasco abraçou o novo esporte e com ele uma nova bandeira. Com o tempo a primeira bandeira se perderia, sendo resgatada apenas no aniversário de 120 anos do clube.





**Figura 2** - Marcilio Telles (de branco), em fevereiro de 1916, junto à bandeira náutica. Hubner, Henrique. A bandeira perdida do Vasco. Memoriavascaína. Rio de Janeiro. 7 de Janeiro de 2014. Disponível em: <<http://www.memoriavascaína.com/2014/01/a-bandeira-perdida-do-vasco.html>>. Acesso em: 09/11/2019.

Tal bandeira não só representava o Vasco, como também era o símbolo da participação do clube na Federação Brasileira das Sociedades de Remo e, como mostra a imagem, ficava exibida na sede do clube.

Com a bandeira, surge também o primeiro uniforme que, como o atual, já

possuía uma faixa diagonal na frente, porém, na direção oposta a que se tem hoje. No meio da faixa, a cruz ganhava destaque, como mostra a foto de Alfredo Ruas usando o uniforme.



**Figura 3** - Alfredo Ruas, atleta do Vasco, envergando o seu uniforme em 1913. Disponível em: <<https://www.vasco.com.br/site/noticia/detalhe/11061/os-116-anos-da-criacao-do-principal-uniforme-do-vasco>>. Acesso em: 10/11/2019.

O primeiro uniforme usado pelos remadores vascaínos já tinha a faixa diagonal, porém na direção oposta à faixa do uniforme dos dias de hoje. A Cruz de Malta ficava no centro, e não no lado esquerdo do peito.

No decorrer dos anos o clube passaria por diversos altos e baixos, que proporcionariam ao clube a adesão de novos esportes visando tanto o crescimento como a permanência da existência do clube. Assim, em 1915 o futebol seria inaugurado no clube.

Inicialmente sem ameaçar a popularidade do remo, o futebol se dava de maneira sutil no clube. Implantado através de uma fusão com o Lusitânia, que estava presente na inauguração do campo do Botafogo Football Club, na Rua General Severiano, evento que não só inspirou o clube

como também “motivou diversos membros da colônia portuguesa a se organizar para a prática do esporte bretão” (Prais, 2011).

Assim, a união com o Lusitânia trouxe ao Vasco “os seus sócios e patrimônio, que consistia de uniformes, chuteiras e bolas de futebol” (Prais, 2011).

Assim, o novo C. R. Vasco da Gama estava pronto para iniciar uma nova fase vitoriosa, agora no futebol.

Sendo concretizada em 26 de novembro de 1915 após algumas assembleias, ocorre a posse de uma nova diretoria e com ela a legitimação perante a Liga Metropolitana de Futebol em 29 de fevereiro de 1916. No mesmo ano, o time já participaria da terceira divisão do Campeonato.



**Figura 4** - “Mais um club que se filia a’ metropolitana”. In: Gazeta dos Sports. Gazeta de Notícias.

Edição 00094. Rio de Janeiro. 29 de janeiro de 1916. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_04&pesq=%22paladino%20fc%22&pasta=ano%20191](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=%22paladino%20fc%22&pasta=ano%20191)>. Acesso em: 10/11/2019.

O primeiro jogo oficial ocorre no dia 3 de maio de 1916, com o Vasco da Gama enfrentando o Paladino FC e perdendo de 10x1, porém, nada inesperado, já que a

direção antevia uma derrota, devido ao fato de ser o primeiro jogo perante um time experiente como o Paladino.



**Figura 5** - “Os primeiros jogos do campeonato”. In: Gazeta dos Sports. Gazeta de Notícias. Edição 00124. Rio de Janeiro, 4 de Maio de 1916. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_04&pesq=%22paladino%20fc%22&pasta=ano%201916](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=%22paladino%20fc%22&pasta=ano%201916). Acesso em: 10/11/2019.

Por mais que o placar não fosse agradável, tal jogo foi histórico para o Vasco, já que ocorreu o primeiro gol do time em uma partida oficial, marcado pelo jogador Adão Antônio Brandão, que, mesmo com a derrota,

comemoraria tal gol como se fosse um resultado vitorioso.

O primeiro campeonato disputado pelo Vasco no futebol não traria a mesma glória que o remo trouxera, como mostra a tabela 1 a seguir.

**Tabela 1** - O primeiro campeonato disputado pelo Vasco no futebol.

Turno		Retorno	
	Vasco 01		Vasco 00
03/05/1916	X	03/09/1916	X
	Paladino 10		Paladino 02
	Vasco 01		Vasco 00
13/05/1916	X	07/09/1916	X
	Brasil 05		Parc Royal 03
	Vasco 00		Vasco 01
28/05/1916	X	22/10/1916	X
	Icarahy 04		Icarahy 04
	Vasco 02		Vasco 02
14/07/1916	X	29/10/1916	X
	Parc Royal 04		River 01
	Vasco 03		Vasco W
16/07/1916	X	05/11/1916	X
	River 04		Brasil 00

Como foi apontado, o retrospecto do time no primeiro ano em um campeonato oficial não foi positivo. O time terminou o campeonato em último lugar, obtendo apenas uma vitória, no dia 29 de Outubro de 1916, no campo do São Cristóvão, contra o River por 2 a 1, sendo Alberto Costa Júnior e Candido Almeida, respectivamente, os autores dos gols vascaínos. Já no último jogo, o time desistira da partida, dando a vitória ao Brasil por W.O.

Nos anos seguintes da estreia do time na terceira divisão, o futebol apresentado pelo

time vascaíno sobe a um novo patamar, provavelmente, como aponta Mauro Prais (2011), devido a absorção de jogadores negros e mulatos no time, fator esse que mostra que o Vasco da Gama fugia dos padrões impostos pela elite do futebol, já que, mesmo sendo basicamente um clube formado por brancos, aceitava e mesclava os jogadores independente de raça ou cor. O primeiro registro do time é datado de 1917, onde valida a presença de jogadores negros no time.



**Figura 6** - Os camisas negras de 1917. In: Hubner, Henrique. A primeira camisa negra do futebol vascaíno. Memoriavascaína. Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 2017. Disponível em: <<http://www.memoriavascaína.com/search?q=1917>>. Acesso em: 10/11/2019.

Embora o Lusitânia inicialmente fosse um clube fechado a tais ideais, após a junção tal filosofia perderia força mediante ao estilo aberto e receptivo que o Vasco possuía.

Assim, a partir de 1917 o time começa a ganhar certo destaque, marcado pelas vitórias e por aceitarem jogadores independentes de cor ou classe social no time, o Vasco começa a recrutar jogadores que obtivessem certo destaque em peladas no subúrbio da cidade e em clubes não-oficiais.

Com isso, enquanto os jogadores de outros clubes eram majoritariamente brancos e de famílias ricas, o Vasco da Gama aglutinava ao time jogadores “de profissão humilde, sendo que alguns mal sabiam assinar o nome” (Prais, 2011), fator esse que, após o título de

1923, faria com que os times fundadores da Liga Metropolitana criassem um regulamento proibindo jogadores analfabetos, fazendo assim com que o clube contratasse um professor de gramática.

Mesmo terminando em último na terceira divisão da Liga, o Vasco passa a segunda divisão no ano seguinte devido à integração de novos clubes ao campeonato.

Como mostra abaixo a imagem do jornal Gazeta de Notícias, em 1917, o Andarahy apresentou uma proposta de reformulação para o campeonato devido a quantidade de times que entrariam na liga três, o que gerou uma reformulação na estrutura da liga, formando assim três divisões contendo dez times.





**Figura 7** - Liga Metropolitana de Sports Athleticos. In: Gazeta dos Sports. Gazeta de Notícias. Edição 00036. Rio de Janeiro, 05 de Fevereiro, 1917. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_04&PagFis=21926&Pesq=%22Vasco%20da%20Gama%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&PagFis=21926&Pesq=%22Vasco%20da%20Gama%22). Acesso em: 10/11/2019.

O Vasco permaneceria na Segunda divisão até 1920, já que, a partir da temporada seguinte, houve uma nova estruturação:



**Figura 8** - "A disputa do próximo campeonato". In: Gazeta dos Sports. Gazeta de Notícias. Edição 00057. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1921. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_04&PagFis=21926&Pesq=%22Vasco%20da%20Gama%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&PagFis=21926&Pesq=%22Vasco%20da%20Gama%22). Acesso em: 11/11/2019.

Mauro Prais (2011) afirma que, em 1921, a primeira divisão, ao abrigar alguns clubes da segunda, foi dividida em duas séries com sete times em cada uma, formando então a série A, com os sete primeiros colocados da primeira divisão do ano anterior; e a série B, contendo os três restantes da primeira divisão,

somados com os quatro primeiros da segunda. O Vasco, graças ao quarto lugar no campeonato, alcançaria então a última vaga para tal série.

Agora bem próximo da elite do futebol carioca, o Vasco iniciaria seu período de glória e contribuição social para uma nova etapa do



futebol no Rio. Inicialmente no ano de 1922, o time inicia uma sequência de vitórias espetaculares, onde, diferentemente de grande parte dos times que enfrentava,

mantinha uma variedade de jogadores negros e mulatos em seu time, fator esse que para muitos explicaria sua ascensão no esporte.

1922 * Campeonato Carioca Série B (LMDT)				
<b>TIME-BASE</b> Nelson, Mingote e Leitão; Arthur, Braulio e Nolasco; Paschoal, Pires (Dutra), Bolão, Tortorolli e Negrito. <b>Técnico:</b> Ramón Platero	TURNOS			
	DATA	ADVERSÁRIO	PLACAR	GOLS-VASCO
	16.04.1922	Palmeiras	4-0	Tortorolli(2), Bolão(2)
	23.04.1922	Vila Isabel	0-1	
	30.04.1922	Mackenzie	3-0	Bolão, Dutra, Tortorolli
	14.05.1922	Carioca	2-1	Bolão(2)
	21.05.1922	Americano	1-1	Tortorolli
	28.05.1922	Mangureira	2-1	Arthur, Bolão
	RETORNO			
	DATA	ADVERSÁRIO	PLACAR	GOLS-VASCO
<b>PARTIDA ELIMINATÓRIA</b>  <b>Obs.:</b> A Partida Eliminatória era disputada entre o último colocado da Série A e o campeão da Série B.  <b>RESUMO</b> Colocação: Campeão Campanha: 10 V, 2 E, 1 D; 36 GP, 10 GC Artilheiro: Bolão, 15	04.06.1922	Vila Isabel	2-1	Bolão(2)
	25.06.1922	Mackenzie	3-0	Pires, Tortorolli, Paschoal
	02.07.1922	Mangureira	4-2	Pires(2), Negrito(2)
	09.07.1922	Americano	2-0	Bolão(2)
	16.07.1922	Carioca	8-3	Bolão(4), Pires(2), Paschoal, Tortorolli
	23.07.1922	Palmeiras	5-0	Tortorolli(2), Pires, Bolão, Negrito
	PARTIDA ELIMINATÓRIA			
	DATA	ADVERSÁRIO	PLACAR	GOLS-VASCO
	05.11.1922	São Cristóvão	0-0	

**Figura 9** - Campeonato Carioca série B. In: Prais, Mauro. 1922, Campeonato Carioca série B.

Netvasco. Atualizado em: 09 fev. 2009. Disponível em:

<<https://www.netvasco.com.br/mauprais/vasco/histor1.html#fundacao>>. Acesso em: 11/11/2019.

O Vasco da Gama torna-se campeão da série B da primeira divisão da Liga, após um empate com o São Cristóvão em 0x0, conquistando seu primeiro título oficial no esporte. Tal empate possibilitou ao time ingressar a série A da Liga metropolitana, principal divisão do esporte no Rio de Janeiro.

Porém, a série A da primeira divisão era “carregada” pelo tradicionalismo futebolístico, onde grande parte dos times cultivavam ideais discriminatórios em relação ao negro e ao trabalhador no futebol, o que acabava por excluir jogadores negros do campeonato. Mediante a tal fator, o Vasco

chega como um “risco” para esse campus criado pela elite, pois como foi ressaltado, mantinha jogadores que fugiam desses padrões tradicionais, além de, muitas vezes, transformá-los em ídolos do clube.

Assim, o técnico uruguaio Ramon Platero, que já havia treinado o time campeão da série B, levaria o time a glória novamente. Com um sistema de treinamento forte e rígido, o time passaria pelo primeiro turno de forma impecável, ganhando seis partidas e empatando apenas uma, como mostra a tabela a seguir:

TURNOS			
DATA	ADVERSÁRIO	PLACAR	GOLS-VASCO
15.04.1923 *	Andarahy	1-1	Tortorolli
22.04.1923	Botafogo	3-1	Mingote, Paschoal, Ceci
29.04.1923	Flamengo	3-1	Ceci(2), Negrito
13.05.1923	América	1-0	Arlindo
20.05.1923	Fluminense	1-0	Arlindo
03.06.1923	Bangu	3-2	Arlindo(2), Negrito
10.06.1923	São Cristóvão	3-2	Lucio(contra), Tortorolli, Arlindo

**Figura 10** - Primeiro turno do campeonato carioca de 1923. In: Prais, Mauro. 1923, Campeonato Carioca série A. Netvasco. Atualizado em: 09 fev. 2009. Disponível em:

<<https://www.netvasco.com.br/mauprais/vasco/1923rj.html>>. Acesso em: 12/11/2019.

Com o decorrer dos jogos do primeiro turno, como aponta Prais (2009), “o desprezo se transformava em inveja e as torcidas adversárias se uniam” para ver o “team de negros”, totalmente fora dos padrões e expectativas, humilhar os considerados “aptos” e melhores, os jogadores detentores do “verdadeiro” futebol dos times da elite. O Vasco se torna então um fenômeno, conhecido por um sistema de jogo encantador

e graças a isso sofre diversas acusações dos demais participantes da liga, que visavam abafar a popularidade recém-conquistada.

Porém, de nada adiantou, já que, conforme o campeonato corria, o time se aproximava cada vez mais do título.

O campeonato de 1923 foi quase invicto. Os “camisas negras” perderam apenas para o Flamengo, por 2x3, em 08 de julho de 1923:

RETORNO			
DATA	ADVERSÁRIO	PLACAR	GOLS-VASCO
24.06.1923	Andarahy	3-1	Ceci(2), Bolão
01.07.1923	Botafogo	3-2	Arlindo(2), Ceci
08.07.1923	Flamengo	2-3	Ceci, Arlindo
22.07.1923	América	2-1	Nicolino, Torterolli
29.07.1923	Fluminense	2-1	Pires, Negrito
12.08.1923 **	São Cristóvão	3-2	Negrito(2), Ceci
19.08.1923	Bangu	2-2	Bolão, Negrito

**Figura 11** - Segundo turno do campeonato carioca de 1923. In: Prais, M. op cit, 2009.

Com a derrota para o Flamengo, o time se consagraria campeão três jogos depois, com a vitória por 3x2 sobre o São Cristóvão, terminando assim, na próxima rodada, o campeonato com uma incrível

campanha de onze vitórias, dois empates e apenas uma derrota, tendo Ceci, um jogador negro, e Arlindo como artilheiros do campeonato, cada um com oito gols.



**Figura 12** - Vasco da Gama com a taça de campeão. In: Prais, Mauro. Álbum de Fotos: 1898-1923. Netvasco. Atualizado em: 24 set. 2007. Disponível em:

<<https://www.netvasco.com.br/mauroprais/vasco/fotos1.html>>. Acesso em: 16/11/2019.

Com tal vitória, Fábio Ramos (2014) afirma que o time sofreria grande repúdio dos times tradicionais da liga por conter jogadores negros e analfabetos no clube. O “América, Botafogo, Flamengo e Fluminense” optariam por “deixar a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT) e fundar a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos)”. Porém, com a ascensão do negro

em diversos times e a campanha impecável do Vasco da Gama, barrar tal grupo social já era extremamente difícil.

Sendo assim, vários outros times pouco a pouco seguiriam o caminho do Vasco e buscariam seus craques no subúrbio do Rio de Janeiro, fator esse que possibilitaria então, mesmo que de forma delimitada, a ascensão social do negro que se via subalterno nessa

sociedade, ganhando então o respeito e sendo exaltado por diversos grupos sociais que anteriormente os discriminavam e os excluía.

O futebol transformava-se em jogo majoritariamente praticado por pobres. Domingos Antônio da Guia e Leônidas da Silva, jogadores negros que alcançaram enorme admiração, são um exemplo dessa mudança que se aprofunda na década de 1930.

Esses jogadores são astros do cenário esportivo da cidade num momento em que o futebol se torna tema de montagens do teatro de revista, além do advento do rádio, que 'dava aos jogos da época uma vibração que eles jamais tiveram, antes ou depois, com tamanha intensidade (Soihet, 2010, p. 297).

Assim, o esporte, mesmo que de forma bastante tímida nesse período, "abraçando" grande maioria da população, ignorando questões raciais, étnicas, ou mesmo simbólicas, possibilitando então uma forma de integração social, dentro de um novo campus social, que englobaria toda a sociedade do Rio de Janeiro.

Sem distinção, mesmo que os clubes de elite não o quisessem, já era necessário aceitar e conviver com o pobre, no campo e na torcida.

## CONCLUSÃO

Visando a ascensão social e o reconhecimento como ser social perante os demais grupos, o negro ainda sofre em diversos outros campos e até mesmo no futebol.

Assim, vale ressaltar que o título de 1923 do Vasco da Gama e todo o processo trabalhado aqui, serviu como partida inicial para a sociabilização e aceitação do negro pela sociedade de modo geral. Porém, tal processo ainda está em construção em nosso país, já que a discriminação, o racismo e mesmo o estereótipo contra o negro ainda persistem.

Como apontado neste trabalho, o negro conseguiu através do futebol uma visibilidade diferente da que possuía anteriormente, enquanto estava à margem da sociedade.

Mesmo que, de forma bastante tímida, as mudanças começaram a partir daquele momento, onde através de paradigmas culturais da elite, o negro seria introduzido a esse novo contexto e conseguiria legitimar-se enquanto pertencente aquela sociedade.

Pode-se então, destacar que o título obtido pelo Vasco não só "abriu os olhos" (mesmo que com certa ignorância) dos clubes tradicionais do Rio de Janeiro, como também serviu de porta de entrada para eles começarem a aceitar o trabalhador, e especificamente o negro em seus clubes, permitindo assim uma ascensão social que inspirou e inspira até hoje diversos jovens de campi sociais distintos a lutarem e atingirem novos grupos sociais, o que antes parecia impossível.

## REFERÊNCIAS

- 1-Abib, L. T. Futebol em Rio Grande-RS. Atlas esporte brasil. 2006. Disponível em: <[www.atlasesportebrasil.org.br/textos/251.pdf](http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/251.pdf)> . Acesso em: 29/10/2019.
- 2-Andrade, C. D. de. Quando é dia de futebol. São Paulo. Companhia das Letras. 2014.
- 3-Andrews, G. R. O protesto político negro em São Paulo (1888-1988). Estudos Afroasiáticos. n. 21. Rio de Janeiro. 1991. p. 27-48.
- 4-Bourdieu, P. A escola conservadora: as desigualdades frente a escola e a cultura. 10ª edição. Rio de Janeiro. Vozes. 1998.
- 5-Bourdieu, P. Esboço de uma teoria da prática. In Ortiz, R. (org.). Bourdieu (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo. Ática. 1983. p. 46-86.
- 6-Brasil. Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890. Institui o código penal dos Estados Unidos do Brasil. 2. Da República. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/d847.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm)>. Acesso em: 11/10/2019.
- 7-Caldas, W. O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro. São Paulo. IBRASA. 1990.
- 8-Fernandes, F. A integração do negro na sociedade de classes. 3ª edição. São Paulo. Ática. 1978.
- 9-Freyre, G. Prefácio. In Mario, M. O negro e o futebol no Brasil. Rio de Janeiro. Mauad. 2002. Vol. 1. p. 24-26.
- 10-Guterman, M. O futebol explica o Brasil. O caso da copa de 70. Dissertação de Mestrado



em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2006.

11-Hubner, H. A primeira camisa negra do futebol vascaíno. Memoriavasaina. Rio de Janeiro. 7 de Setembro de 2017. Disponível em: <<http://www.memoriavasaina.com/search?q=1917>>. Acesso em: 10/11/2019.

12-Hubner, H. Rua da Saúde, n.º293 - O Vasco nasceu para o mar. Memoriavasaina. Rio de Janeiro. 5 de Janeiro de 2014a. Disponível em: <[www.memoriavasaina.com/2014/01/rua-da-saude-n-293-o-vasco-nasceu-para.html](http://www.memoriavasaina.com/2014/01/rua-da-saude-n-293-o-vasco-nasceu-para.html)>. Acesso em: 09/11/2019.

13-Hubner, H. A bandeira perdida do Vasco. Memoriavasaina. Rio de Janeiro. 7 de Janeiro de 2014b. Disponível em: <<http://www.memoriavasaina.com/2014/01/a-bandeira-perdida-do-vasco.html>>. Acesso em: 09/11/2019.

14-Menezes, P. C. Fluminense Football Club 1902 - 2002: 100 anos de Glórias. Rio de Janeiro. Andrea Jakobsson Estúdio. 2002.

15-Molinari, C. Donohoe: o novo "pai" do futebol brasileiro?. Literatura na Arquibancada. 2012. Disponível em: <<http://www.literaturanaarquibancada.com/2012/04/donohoe-o-novo-pai-do-futebol.html>>. Acesso em: 30/10/2019.

16-Molinari, C. Nós é que somos Banguenses. Rio de Janeiro: Icone, 2006. Disponível em: <<https://www.bangu.net/informacao/livros/alma-naquedobangu/apresentacao.php>>. Acesso em: 30/10/2019.

17-Neves, M. S. Os cenários da República: o Brasil na virada do século XIX para o século XX. In Ferreira, J.; Delgado, L. A. N. O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excluyente. Vol. 1. 3ª edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2008. p. 14-44.

18-Nunes, G. P. A. A integração do Negro na Sociedade de Classes: uma difícil via crucis ainda a caminho da redenção. Cronos. Natal-RN. Vol. 9. Núm. 1. p. 247-254. 2008.

19-Pereira, L. A. M. Footballmalia: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2000.

20-Prais, M. História: 1898-1923. Netvasco. Atualizado em: 21 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.netvasco.com.br/mauoprais/vasco/histor1.html#fundacao>>. Acesso em: 09/11/2019.

21-Prais, M. 1923, Campeonato Carioca série A. Netvasco. Atualizado em: 09 fev. 2009a. Disponível em: <<https://www.netvasco.com.br/mauoprais/vasco/1923rj.html>>. Acesso em: 12/11/2019.

22-Prais, M. 1922, Campeonato Carioca série B. Netvasco. Atualizado em: 09 fev. 2009b. Disponível em: <<https://www.netvasco.com.br/mauoprais/vasco/histor1.html#fundacao>>. Acesso em: 11/11/2019.

23-Prais, M. Álbum de Fotos: 1898-1923. Netvasco. Atualizado em: 24 set. 2007. Disponível em: <<https://www.netvasco.com.br/mauoprais/vasco/fotos1.html>>. Acesso em: 16/11/2019.

24-Rodrigues, N. A sombra das chuteiras imortais. São Paulo. Companhia das Letras. 1993.

25-Rosenfeld, A. Negro, macumba e futebol. São Paulo. Perspectiva. 2013.

26-Simonal, W. Aqui é o país do futebol. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/wilson-simonal/aqui-e-o-pais-do-futebol.html>>. Acesso em: 07/10/2019.

27-Silva, G. O. V. Capital cultural, classe e gênero em Bordieu. Informare. Rio de Janeiro. Vol. 1. ed. 2. p.24-36. 1995. Disponível em: <<http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/2151/OlintoSilvaINFORMAREv1n2.pdf>>. Acesso em: 29/10/2019.

28-Soihet, R. O povo na Rua: manifestações culturais como expressões de cidadania. In: Ferreira, J.; Delgado, L. A. N. O Brasil republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Vol. 2. 3ª edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2010. p. 287-321.

29-Soares, L. F. P. A Belle Époque e a questão social: uma análise sobre a assistência pública e privada no Distrito Federal sob os olhares dos charginistas d'O

# Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

Malho (1891-1930). In: Faces da Clio. Rio de Janeiro. Vol. 2. Núm. 3. 2016. p. 186-205. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facesdeclio/files/2014/09/3.Artigo-D7.L%C3%Advia.pdf>. Acesso em: 3/11/2019.

30-Stein, L. Os boleiros tomaram o Brasil muito antes das regras de Charles Miller. Trivela. 13 de abril de 2015. Disponível em: <https://trivela.com.br/120-anos-de-futebol-no-brasil-os-boleiros-tomavam-o-pais-muito-antes-das-regras-de-charles-miller/> Acesso em: 30/10/2019.

Gazeta de Notícias. Gazeta dos Sports. Edição 00094. Rio de Janeiro. 29 de janeiro de 1916. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_04&pesq=%22paladino%20fc%22&pasta=ano%20191](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=%22paladino%20fc%22&pasta=ano%20191). Acesso em: 10/11/2019.

Netvasco. Vasco publica, pela 1º vez, sua ata de fundação; veja. Rio de Janeiro. 21 de agosto de 2015. Disponível em: [www.netvasco.com.br/n/167039/vasco-publica-pela-1-vez-sua-ata-de-fundacao-veja](http://www.netvasco.com.br/n/167039/vasco-publica-pela-1-vez-sua-ata-de-fundacao-veja). Acesso em: 09/11/2019.

## NOTÍCIAS

G1. Futebol é 'maior paixão' para 77% dos brasileiros, aponta pesquisa Ibope. São Paulo. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/12/futebol-e-maior-paixao-para-77-dos-brasileiros-aponta-pesquisa-ibope.html>. Acesso em: 07/10/2019.

Recebido para publicação em 19/08/2020  
Aceito em 10/03/2021

Gazeta de Notícias. Gazeta dos Sports. Edição 00057. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1921. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_04&PagFis=21926&Pesq=%22Vasco%20da%20Gama%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&PagFis=21926&Pesq=%22Vasco%20da%20Gama%22). Acesso em: 11/11/2019.

Gazeta de Notícias. Gazeta dos Sports. Edição 00036. Rio de Janeiro, 05 de Fevereiro, 1917. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_04&PagFis=21926&Pesq=%22Vasco%20da%20Gama%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&PagFis=21926&Pesq=%22Vasco%20da%20Gama%22). Acesso em: 10/11/2019.

Gazeta de Notícias. Gazeta dos Sports. Edição 00017. Rio de Janeiro, 17 de Janeiro, 1917. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_04&PagFis=21926&Pesq=%22Vasco%20da%20Gama%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&PagFis=21926&Pesq=%22Vasco%20da%20Gama%22). Acesso em: 10/11/2019.

Gazeta de Notícias. Gazeta dos Sports. Edição 00124. Rio de Janeiro, 4 de Maio de 1916. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_04&pesq=%22paladino%20fc%22&pasta=ano%20191](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=%22paladino%20fc%22&pasta=ano%20191). Acesso em: 10/11/2019.